



Revista Interamericana de Psicología/Interamerican
Journal of Psychology

ISSN: 0034-9690

etorresrivera@gmail.com

Sociedad Interamericana de Psicología
Puerto Rico

Garcia Alves, Roberta; Lopes Miranda, Rodrigo
Mapeando Celso Pereira De Sá: Itinerários De Sua Atividade Intelectual (1970-1990)
Revista Interamericana de Psicología/Interamerican Journal
of Psychology, vol. 56, núm. 1, e1644, 2022, Enero-
Sociedad Interamericana de Psicología
San Juan, Puerto Rico

DOI: <https://doi.org/10.30849/ripijp.v56i1.1644>

Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=28471295010>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica Redalyc

Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso
abierto

<https://doi.org/10.30849/ripijp.v56i1.1644>

Paginación electrónica: e1644

Mapeando Celso Pereira De Sá: Itinerários De Sua Atividade Intelectual (1970-1990)

Mapping Celso Pereira de Sá: Itineraries of his Intellectual Activity (1970-1990)

Roberta Garcia Alves (1) y (3)

<https://orcid.org/0000-0001-8734-2967>

Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Brasil.

Rodrigo Lopes Miranda (4)

<https://orcid.org/0000-0003-3222-7368>

Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Brasil.

Notas de autor:

1. Correspondence about this article should be addressed to Roberta Garcia Alves: robertag.alves@outlook.com
2. Conflicts of Interest: The authors declare that the research was conducted in the absence of any commercial or financial relationships that could be construed as a potential conflict of interest.
3. Este artigo foi derivado da pesquisa de mestrado da primeira autora a qual contou com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
4. Bolsista de Produtividade 2 – CNPq.

Received: 2021-05-31

Accepted: 2022-03-05

Resumo

Esta proposta se caracteriza como uma pesquisa histórico-conceitual que objetivou identificar as produções de Celso Pereira de Sá vinculadas à Análise do Comportamento e interpretar as redes conceituais e filosóficas contidas nestes trabalhos, relacionando-as com elementos historiográficos de sua atividade intelectual entre 1970 a 1990. O percurso metodológico foi organizado em duas dimensões; uma historiográfica a qual se utilizou da análise documental e outra conceitual a qual se utilizou do software Iramuteq e de apropriações de estratégias do

Procedimento de Interpretação Contextual de Texto (PICT). Encontramos um autor refletindo sobre o papel do intelectual e da produção de conhecimento científico para a resolução de problemas sociais eminentemente brasileiros. Sá investiu na educação política popular no qual a população teria ela própria condições de produzir conhecimento sobre sua realidade e nela intervir. Seu conceito de comportamento baseia-se no entendimento de que o sujeito é necessariamente um ser histórico, social e verbal. Além disso, o conceito de contracontrole social indica uma transformação na sociedade, salientando o papel do comportamento verbal como veículo potencializador na mobilização para a transformação social.

Palavras-chave: história da análise do comportamento; história da psicologia; história da psicologia social; celso pereira de sá; transformação social

Abstract

This proposal is characterized as a historical-conceptual research that aimed to identify publications of Celso Pereira de Sá linked to Behavior Analysis and to interpret conceptual and philosophical networks contained in these works, relating them to historiographical elements of his intellectual activity between 1970 and 1990. The methodological path was organized into two dimensions; one historiographic which used analysis of primary sources and another conceptual which have used Iramuteq software and appropriations of strategies of the Contextual Text Interpretation Procedure (PICT). We found an author reflecting upon the role of the intellectual and the production of scientific knowledge for solving eminently Brazilian social problems. Sá invested in popular political education in which the population would itself be able to produce knowledge about its reality and intervene in it. His concept of behavior is based on the understanding that the subject is necessarily a historical, social and verbal being. In addition, the concept of social counter-control indicates a transformation in society, highlighting the role of verbal behavior as a potential vehicle in the mobilization for social transformation.

Keywords: history of behavior analysis; history of psychology; history of social psychology; celso pereira de sá; social transformation

Introdução

A transformação social foi uma problemática central para a Psicologia Social latino-americana entre as décadas de 1970 e 1980, momento em que vemos mais fortemente orbitando em torno deste campo científico diferentes perspectivas, tais como o pensamento crítico, o compromisso social, a libertação, a conscientização e educação popular (Boechat, 2017; Hur & Lacerda Júnior, 2017). Isso se deu a partir da constatação de que certos modos de pesquisa, bem como os pressupostos teóricos que o envolviam acarretavam em uma prática alienante e na manutenção do *status quo*. A partir do diálogo entre psicólogos de diversas localidades da América Latina, constatou-se também as similaridades de suas experiências e desafios, principalmente em relação ao predomínio de uma Psicologia Social estadunidense de cunho experimentalista (Bock et al., 2007). Detectar que a superação do modelo estadunidense era necessária se coadunou, também, com a política imperialista e colonizadora estadunidense e sua íntima relação com o financiamento de regimes ditatoriais em países latino-americanos (Martín-Baró, 1984; Reis, 2014; Gaspari, 2016).

No cenário brasileiro, a Psicologia Social de base experimentalista, em suas mais variadas vertentes (e.g., Comportamentalismo, Cognitivismo, dentre outros), foi compreendida majoritariamente como representante de uma psicologia alienante e desconectada dos problemas da realidade brasileira (Bock et al., 2007; Jacó-Vilela et al., 2016). Por exemplo, se referindo à Análise do Comportamento, Lane (1984) nos diz que “não podemos negar que reforços e punições *de fato* controlam comportamentos [e, inclusive, que também] a análise do *autocontrole* se aproxima do que consideramos consciência de si e o *contracontrole* descreve ações de um indivíduo em processo de conscientização social” (p. 14, grifos da autora). Todavia, ela assevera:

caberia questionar por que alguns comportamentos são reforçados e outros punidos dentro de um mesmo grupo social. Sem responder a estas questões, passamos a descrever o *status quo* como imutável e, mesmo querendo transformar o homem, como o próprio Skinner propõe, jamais conseguiremos numa dimensão histórico-social. (Lane, 1984, p. 14)

Em sua perspectiva sócio-histórica, seria mister enfatizar a importância da história social para a constituição do sujeito, o que a seu ver não poderia ser encontrado na Análise do Comportamento.

Entretanto, notamos que entre o final dos anos de 1970 e a década de 1980 houveram

propostas e intervenções analítico-comportamentais, no Brasil, cuja ênfase recaía no compromisso social da Psicologia e na mudança da realidade na qual o país se encontrava. Em 1979, por exemplo, vemos um texto de Botomé (1979/2010) em que se discutiu a contribuição social dos psicólogos, alertando sobre o predomínio da atuação profissional “onde o dinheiro está” (p. 182) e não nas demandas reais da população. Outros exemplos são trabalhos veiculados pelas associações brasileiras de Análise do Comportamento em um de seus periódicos, a saber: *Cadernos de Análise do Comportamento* (1981-1986) (ver Torres et al., 2020). Nesta revista, houveram artigos que corroboravam a crítica de Lane à necessidade de uma análise das razões pelas quais determinados comportamentos eram reforçados e outros punidos de forma a estabelecer – e perpetuar – o *status quo* (e.g., Luna, 1981; Sandoval, 1982). Além disso, houveram textos que alertavam os analistas do comportamento brasileiros, potencial público-leitor do periódico, para seu compromisso social (e.g., Duran, 1983). Neste contexto, contemporaneamente, um autor tem sido estudado como um exemplo desta articulação entre Psicologia Social e Análise do Comportamento, no Brasil: Celso Pereira de Sá (1941 - 2016) (Castro, 2016; Alves, Córdova & Miranda, 2021).

Sá, além de ter sido professor titular de Psicologia Social na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) desde 1995, ocupou cargos políticos importantes dentro desta instituição, tendo sido também Diretor do Instituto de Psicologia, Diretor do Centro de Educação e Humanidades e Vice-Reitor. O autor também é reconhecidamente precursor da Teoria das Representações Sociais no Brasil pela relevância que seus trabalhos e atividades exerceram para a chegada e a sistematização dessa corrente teórica no país em meados da década de 1990 (Sá, 1996, 1998). Menos conhecidas, no entanto, são as pesquisas de Sá no escopo da Análise do Comportamento nos anos iniciais de sua carreira (1970 a 1990). Nelas, vemos que Sá se apropriou da Análise do Comportamento em consonância com o cenário de compromisso teórico-político do psicólogo na análise e resolução de problemas sociais brasileiros.

Em tais trabalhos, nos parece haver duas ênfases: por um lado, o questionamento de como um psicólogo social brasileiro poderia ter se interessado pela Análise do Comportamento considerando às críticas de sua geração a tal campo (Trzan & Degani-Carneiro, 2014; Sá, 2007) e, por outro, como os trabalhos de Sá nos permitem observar aspectos da recepção e circulação de alguns conceitos específicos da área (Alves, Córdova & Miranda, 2021). De maneira complementar a tais estudos, este artigo objetiva identificar e analisar redes conceituais e filosóficas contidas em trabalhos de Sá vinculados à Análise do Comportamento, entre 1970 e 1990. Ao final, estimamos responder a duas questões que, conjuntamente, respondem ao

objetivo anteriormente mencionado: (1) o que Sá entende por *comportamento*? e 2) quais relações teórico-conceituais entre o as noções de *comportamento* e de *social* em seus trabalhos?

Método

Caracterizamos esta pesquisa como histórico-conceitual inserida na interface entre a História Social da Psicologia (Portugal, Facchinetti & Castro, 2018) e a História Crítica da Psicologia (Danziger, 1984). Ela foi delineada com o intuito de entrecruzar dois aportes de pesquisa, de forma que se sustente uma análise teórica dos conceitos e, ao mesmo tempo, abarque os condicionantes históricos e sociais implicados na produção dos mesmos. Foram analisados 13 textos cuja autoria é de Celso Pereira de Sá, datados entre 1970 e 1990.

Para a busca de documentos publicados recorreu-se ao currículo lattes de Celso Pereira de Sá e para a busca de documentos não-publicados (ou de circulação restrita) recorreu-se à Coleção Celso Pereira de Sá, pertencente ao Acervo do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)¹. A coleção dispõe de livros, documentos, anotações e comunicações pessoais produzidas pelo autor ao longo de sua carreira. Os documentos utilizados como fontes estão sumarizados na Tabela 1 e são materiais que: (a) levantam possibilidades de análise do cenário da atividade intelectual do autor; (b) são de autoria de Celso Pereira de Sá ou se referem a sua figura; e (c) foram publicados no recorte histórico de 1970 a 1990, uma vez que as publicações do autor selecionado que tratam desse tema se concentraram nesse período.

Tabela 1

Fontes primárias utilizadas na pesquisa

Autor (ano)	Referência
Sá, C.P. (1981a)	Diálogos sobre motivação I - Sobre o conceito psicológico genérico de motivação: seu estado atual. <i>Psicologia em curso</i> , 2(7), 12-16.
Sá, C.P. (1981b)	Diálogos sobre motivação II - Sobre o conceito psicológico genérico de motivação: sua evolução histórica. <i>Psicologia em curso</i> , 2(8), 12-16.
Sá, C.P. (1981c)	Diálogos sobre motivação III - Sobre o conceito psicológico genérico de motivação: seu possível desaparecimento. <i>Psicologia em curso</i> , 3(9), 10-14.
Sá, C.P. (1982a)	Sobre o comportamento verbal de Chomsky em sua resenha de O Comportamento Verbal, de Skinner. <i>Forum Educacional</i> , 6(1), 22-51.
Sá, C.P. (1982b)	O intelectual na Sociedade de Massas. <i>Forum Educacional</i> , 6(4), 65-85.
Sá, C.P. (1983)	Sobre o poder em Foucault e o controle em Skinner. <i>Arquivos Brasileiros de Psicologia</i> , 35(2), 136-145.
Sá, C.P. (1984a)	Sobre a fundamentação psicológica da Psicologia Social e suas implicações para a educação. <i>Forum Educacional</i> , 8(1), 23-44.
Sá, C.P. (1984b)	O status acadêmico do Behaviorismo Radical de B.F. Skinner no estado do RJ. <i>Forum Educacional</i> , 8(4), 21-44.

Sá, C.P. (1986a)	Contracontrole social: Uma extensão do Behaviorismo Radical à educação política popular. <i>Fórum Educação</i> , 10(2), 43–73.
Sá, C.P. (1986b)	Notas sobre o estudo psicológico do comportamento social coletivo. <i>Temas de Educação</i> , 1(1), 77-92.
Sá, C.P. (1987)	Comportamento verbal e literatura. <i>Matraga</i> , 1(1), 63-69.
Sá, C.P. (1989)	Socialização do saber acadêmico: A constituição de um novo senso comum. <i>Forum Educacional</i> , 13(4), 101-105.
Sá, C.P. (1990)	Contracontrole social na educação: representações sociais da escola pública em uma favela do RJ. <i>Forum Educacional</i> , 14(3), 93-108.

As fontes textuais¹ foram analisadas em seu conteúdo a partir da apropriação de estratégias do Procedimento de Interpretação Contextual de Texto (PICT), desenvolvido por Laurenti e Lopes (2016). Voltado à pesquisa conceitual, o PICT visa identificar, extrair e analisar conceitos e redes conceituais, bem como compromissos e afinidades filosóficas de determinada fonte textual. Nos apropriamos de algumas etapas do referido procedimento, considerando que eles nos auxiliaram a operacionalizar o processo analítico. Particularmente, realizamos (1) grifos e enumeração, no texto, de conceitos e doutrinas (filosóficas ou psicológicas); (2) busca da definição dos conceitos e doutrinas no próprio texto; e (3) transcrição das definições encontradas, usando indicadores de localização como data de publicação do texto, página e parágrafo. Dessa forma, foram criados um documento de Microsoft Word para cada texto analisado, formando uma espécie de glossário para cada um deles.

Além da apropriação de estratégias do PICT, utilizamos o *software* de análise textual Iramuteq (*Interface de R pour analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) como forma de complementar nossas análises (Camargo & Justo, 2013; Ratinaud, 2009). Especificamente para os objetivos dessa pesquisa, foram inseridos os mesmos textos de Celso Pereira de Sá que passaram pela apropriação do PICT. Particularmente, realizamos a Análise de Similitude, uma ferramenta que apresenta graficamente as conexões que as palavras contidas no *corpus* documental realizam entre si, formando núcleos temáticos os quais possibilitam definir graus de relação destes termos dentro da estrutura textual. Deste modo,

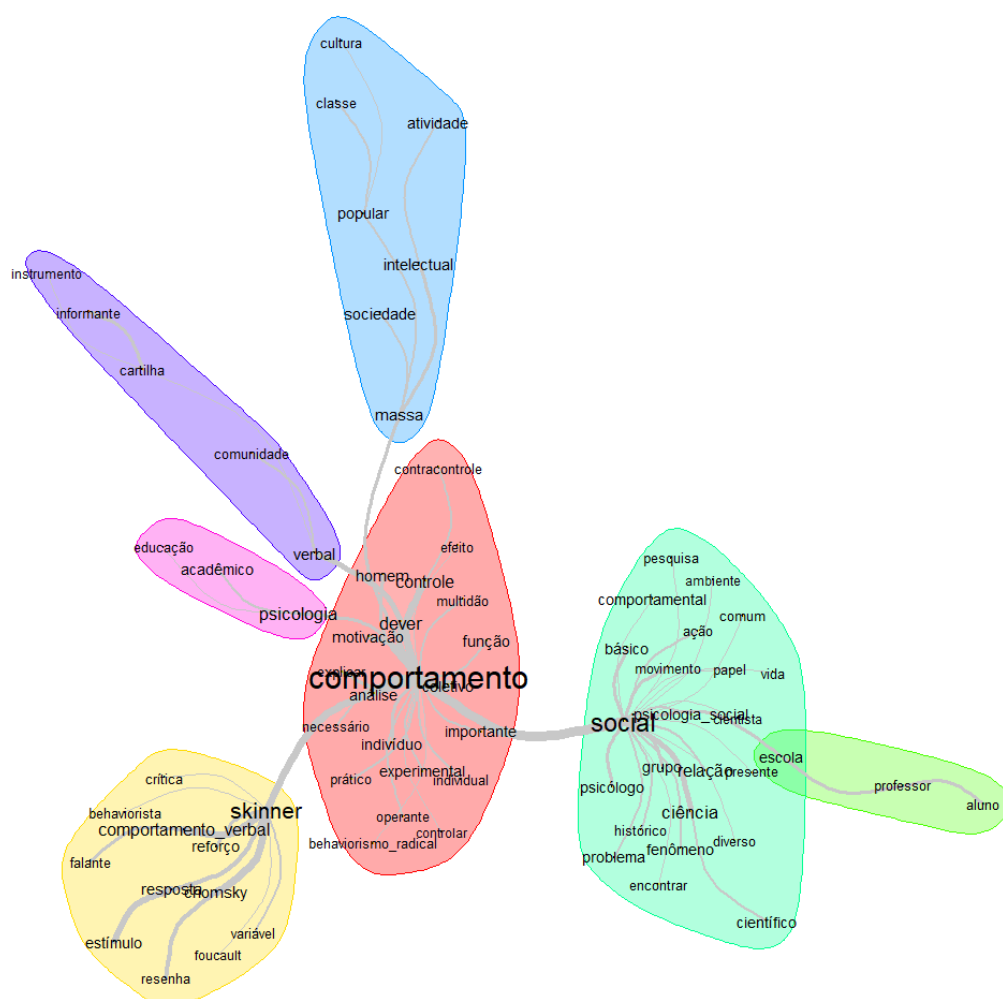
¹ Os documentos aqui citados encontram-se na Coleção Celso Pereira de Sá e pertencem ao Acervo do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. A coleção dispõe de livros, documentos, anotações e comunicações pessoais produzidas pelo autor ao longo de sua carreira.

foi possível visualizar quais grafos foram utilizados com maior frequência e com quais outros eles se conectaram mais vezes. Tomamos esses grafos e as conexões gráficas apresentadas como ponto de partida para a discussão do conteúdo da massa documental e inter cruzamos os resultados alcançados pela execução do PICT, de forma que alguns de seus fragmentos foram utilizados para a construção de nossas interpretações.

Resultados e discussão

Figura 1

Gráfico de Análise de Similitude gerado pelo software Iramuteq.



Na Figura 1, que apresenta Análise de Similitude de nosso *corpus*, vemos a existência de três núcleos centrais representados pelas palavras *comportamento*, *social* e *Skinner*. Essa primeira perspectiva geral nos sinaliza que estes três termos possuem alto grau de conexidade

entre si e que a palavra *comportamento* foi a que estabeleceu maior grau de conexão com as demais, tendo em vista que ocupa o centro da Figura 1 e que todos os outros grafos se conectam a ela. Com isso, interpretamos que o núcleo *comportamento* representa o ponto de interesse de Celso Pereira de Sá. Ainda neste núcleo, um indicativo do modo pelo qual o comportamento foi estudado pelo autor pode ser dado a partir das palavras *individual*, *coletivo*, *motivação*, *controle* e, por fim, *contracontrole*. As ramificações *análise*, *experimental*, *operante*, e *behaviorismo radical* indicam que o autor se apropriou da Análise do Comportamento para o estudo do comportamento.

O núcleo *Skinner* complementa a interpretação de que a apropriação teórica da Análise do Comportamento foi operada a partir das contribuições de B. F. Skinner. As ramificações deste núcleo sugerem que *comportamento verbal* foi um dos principais temas debatidos a partir da apropriação deste autor. Skinner foi correlacionado com outros dois autores; Noam Chomsky e Michel Foucault. Partindo para o terceiro núcleo preponderante - *social* – vemos que o mesmo representa também uma aproximação ao campo da Psicologia Social. Essa interpretação baseia-se na aparição dos termos *psicologia social*, bem como objetos e temas comuns de investigação dessa área; *grupo*, *relação*, *histórico*, *escola*, *professor* e *aluno*. Já a presença do termo *comportamental* dentro do núcleo *social* pode ser um indicativo de que Celso Pereira de Sá articulou *comportamento* com elementos do campo social, como por exemplo, *grupo*, *relação* e *histórico*. Isso, por sua vez parece indicar sua inserção no campo da Psicologia Social.

Sobre o social do comportamento humano

Tomando a pergunta *o que Sá entende por comportamento?* como disparador para a leitura da Figura 1, articulamos como uma possível primeira resposta nas fontes primárias: “o comportamento dos organismos - incluindo o homem - encontra-se sempre sob o *controle* de estímulos ambientais, externos e internos, antecedentes (sob as formas de estímulos eliciadores e discriminativos) e consequentes (sob as formas de reforçadores positivos e negativos).” (Sá, 1983, p. 139, grifos do autor). É interessante notar que a definição de comportamento utilizada por Sá está intimamente ligada à de controle, justificado pelo autor da seguinte maneira:

o insistente emprego do termo controle por Skinner provém basicamente do que ele considera uma cientificamente necessária ‘hipótese de trabalho’, qual seja, a conjectura inicial de que o comportamento (animal ou humano) como variável dependente observável é sempre controlado por variáveis independentes atual ou potencialmente identificáveis. (Sá, 1983, p. 140)

Tamanha relevância do controle para a explicação do comportamento pode justificar o destaque da aparição do grafo *controle* na representação gráfica do núcleo *comportamento*, além de atestar o alto grau de conexidade entre os dois termos. Ou seja, se *comportamento* se encontra *sob controle dos estímulos ambientais*, não seria possível operar com tal objeto sem recorrer a seu constituinte de dependência do contexto.

Mais do que um adereço necessário à explicação do comportamento, o aparecimento de *controle* em conexidade com *social* prevê algumas especificidades dos interesses de estudo de Sá. O autor evidencia que a maior parte das variáveis controladoras do comportamento humano (ou ainda, do *homem*, outro termo fortemente conexo ao de *controle* e *social*) são aspectos caracteristicamente sociais. Isto porque “histórias de reforço individual encontram-se inseridas, como bem nota Seminério (1979), na história da sociedade à qual pertença cada indivíduo, ou, em termos skinnerianos mais estritos, da sua comunidade verbal” (Sá, 1983, p. 139). A apresentação de uma justificativa apoiada em um autor externo à Análise do Comportamento torna latente a característica pluralista com a qual Sá parece operar dentro da Psicologia. Mais do que salientar que a história do indivíduo pertence a história de sua sociedade, o autor flexiona dois teóricos que operam de maneiras distintas (B. F. Skinner e F. L. P. Seminério) para enfatizar que a história do sujeito é uma história necessariamente social e verbal.

Nesse sentido, o sujeito seria aquilo que sua comunidade verbal dispôs como condições para sua constituição como indivíduo, o que caracteriza o *controle social* como algo eminentemente verbal:

O controle social, operando através das leis do controle do comportamento, produz assim o “homem único” que cada um de nós é, o “homem típico”, de uma determinada cultura ou subcultura, e, generalizando, “o homem”, por mais amplo que possa ser o conjunto de fenômenos comportamentais englobados sob essa rubrica sintética. (Sá, 1983, p. 139)

Este homem/humano é também definido por Sá (1984a) como um “organismo biológico em contínua interação com seu meio ambiente [e que opera] tanto em situações não sociais (ou seja, em transações com o ambiente natural) quanto em situações sociais (ou seja, em que o ambiente é constituído por outros indivíduos ou seus produtos)” (p. 33). Observa-se que ainda que Sá enfatize a participação de variáveis sociais no comportamento humano, não há menosprezo das variáveis não-sociais em termos de causalidade.

Se retornarmos ao texto de Seminério (1923-2003) citado por Sá, vemos um debate também pluralista sobre a dicotomia indivíduo *versus* coletividade à luz de autores como B. F. Skinner, M. Foucault e H. Marcuse. Sobre a suposta oposição entre esses termos, Seminério

(1979) conclui: “não há dúvida de que é impossível recortar uma conduta concreta que não esteja *contaminada*, de uma forma ou de outra, por fatores sociais. E igualmente claro que não existe o homem não-social” (p. 12, grifos do autor). Parece-nos que similarmente a Seminário (1979), não há adoção da dicotomia indivíduo *versus* sociedade por parte de Sá em um sentido que sua visão de sujeito se constitui por alguém que interage dinamicamente com um *ambiente*, produzindo assim uma infinidade de processos comportamentais que podem ser explicados tanto pela história do indivíduo quanto pela história de sua espécie. Por esse motivo, o interesse do autor na instância *social* do comportamento não parece justificar-se por uma possível interpretação teórica de preponderância do *social* sobre o *indivíduo*.

O que nos parece é que o protagonismo apresentado pelo termo *social* na Figura 1 se dá mais por sua relação com o *comportamento verbal* e a solução monista que sua definição apresenta perante a dicotomia indivíduo *versus* sociedade. Isto é, não se supõe que existe relação de superioridade de uma instância sobre a outra, mas sim de que o sujeito é atravessado por um social-verbal que é incindível do comportamento humano. Articulando novamente as redes com o conteúdo das fontes primárias, vemos indicativos que vão ao encontro desta interpretação. Analisando a conexidade dos termos *comportamento*, *comportamento verbal* e *social*, temos que:

uma distinção entre comportamento social em geral e comportamento verbal é muito tênue, algo arbitrária mesmo, como o próprio Skinner chega a reconhecer; e forçosamente é assim, porque não se trata de tipos absolutamente delimitados e mutuamente exclusivos de comportamento. O comportamento verbal é comportamento social. (Sá, 1982a, p. 47)

O *social* que caracteriza o *comportamento* tem sua definição justaposta ao de *comportamento verbal* em um sentido em que ambos são “comportamentos reforçados pela mediação de outras pessoas” (Sá, 1982a, p. 46, plural adicionado). A ênfase, portanto, é na característica verbal da sociedade e como esta comunidade verbal exerce controle sobre o indivíduo. A caracterização do papel do *falante* dada por Sá é bastante clara neste sentido:

O falante de Skinner não contribui simplesmente para o comportamento verbal; ele o produz em sua totalidade. Isso é, não obstante, compatível com a proposta de que *fatores externos* potencialmente identificáveis *exercem controle* sobre a resposta verbal momentânea emitida pelo falante. (Sá, 1982a, p. 27, ênfases adicionadas)

O que parece estar em destaque para o autor é como *fatores externos* descrevem situações sociais nas quais dois ou mais indivíduos interagem. Considerando novamente a frequência e conexidade da tríade *comportamento-social-verbal* na Análise de Similitude e inter cruzando

esse indício com o texto teórico do autor, caminhamos para a conclusão perene de que *comportamento verbal* é um interesse secundário de estudos do autor, uma vez que emitir respostas verbais e fazer parte de uma comunidade verbal é constituinte da concepção de sujeito construída por Sá bem como corresponde a grande parcela de fonte de controle social.

Com efeito, parece-nos que *comportamento verbal* é ponto de passagem obrigatório a quem se dedica a estudar o *comportamento social*, especificamente o *controle social* e *contracontrole social*. Em resumo, *comportamento verbal* parece desenvolver duas funções nas fontes primárias investigadas: a) compor a visão de sujeito e de mundo com a qual Sá opera, i.e., de um sujeito histórico, social e verbal o qual constitui-se em uma comunidade verbal na qual ele constrói sua história de reforço individual; b) a de estabelecer que uma das principais formas de exercer *controle e contracontrole social* é pela via do *comportamento verbal*, sendo este o veículo pelo qual pessoas, grupos e agências operam práticas de *controle e contracontrole social*, como por exemplo ações de educação popular política via cartilhas informativas tal qual a *Cartilha de contracontrole social* produzida pelo autor.

A *Cartilha de contracontrole social* compôs parte da pesquisa de doutoramento de Sá em 1985 a qual se consistiu por um instrumento de educação popular de resistência à ditadura militar baseado nos princípios da Análise do Comportamento. A intervenção proposta por Sá teve intuito de funcionar como um instrumento que fosse generalizável e acessível na orientação e capacitação do povo para o exercício eficaz do contracontrole. O público alvo do autor foram moradores do estado do Rio de Janeiro, adultos, de ambos os sexos, com nível de escolaridade fundamental e que, por um critério tríptico de trabalho-habitação-saúde, se encontrassem em situação de vulnerabilidade. Por fim, Sá elegeu líderes comunitários, participantes de movimentos estudantis, do sindicato dos trabalhadores, representantes de associações de assistência social, de instituições religiosas e partidos políticos de ideologia socialista como avaliadores e críticos do potencial de seu uso como instrumento de educação popular.

Os percursos dos caules e núcleos roxo e azul da Figura 1 nos auxiliam nessa direção. Acompanhando tais itinerários apresentados, temos que a Psicologia deve estender-se à educação e que essa intervenção deve ser feita levando em consideração que o comportamento das pessoas se dá em uma comunidade verbal, o que invariavelmente faz da cartilha um comportamento verbal, um instrumento de educação popular direcionado a massa popular e que deve fazer parte da atividade intelectual do psicólogo. Em suma:

Em nítido contraste com essa socialmente irresponsável retórica *não-diretiva*, de flagrante motivação auto-absolvidora, sustenta-se aqui que *a universidade tem sim o que ensinar ao povo*, que a ciência do comportamento lida efetivamente com fenômenos

reais, inclusive quando os manipula em seus laboratórios. E que, por isso mesmo, o conhecimento acadêmico que se produz pode e deve ser proveitosamente *apropriado* por comunidades que estejam segmentadas em relação à extensa e diversificada cultura dominante, já que esse *status quo* se mantém precisamente porque o acesso a tais formas de conhecimento lhes é negado. (Sá, 1986a, p. 56, grifos do autor)

Sobre o controle e o contracontrole social do comportamento humano

Sá apontou o controle social como responsável por produzir o *homem*, ou o *humano*, em seu sentido histórico, social e verbal. Nessa direção, sua compreensão parece ser parte necessária ao processo de pesquisa e estudo do comportamento. Uma primeira definição de *controle social* dada pelo autor é de que este caracteriza-se por “múltiplas técnicas ou tecnologias de controle, empregadas de modo alternativo ou combinado ao nível de controle interpessoal, do controle pelo grupo e do controle por agências institucionalizadas” (Sá, 1983, p. 141). Nominalmente se apropriando de Skinner, Sá (1983) segue descrevendo três instâncias de funcionamento do controle social, sendo o nível das agências controladoras as mais efetivas no que concerne em controlar o comportamento humano:

Caracterizando esses diferentes níveis de instâncias do controle social, Skinner considera que, no caso do controle interpessoal, uma pessoa comporta-se de uma maneira que altera o comportamento de outra por causa das consequências que o comportamento dessa segunda tem para a primeira (ou seja, a reforça); no controle típico do grupo duas ou mais pessoas, manipulando variáveis que tem um efeito comum sobre o comportamento de um indivíduo, submetem-no a um controle mais poderoso; e, finalmente, para suprir as deficiências dos controle pessoal e grupal, certas agências controladoras melhor organizadas – como o governo, a religião, a psicoterapia, a economia e a educação – manipulam variáveis específicas mais complexas, *consequindo assim operar com maior sucesso*. (p. 141, ênfases adicionadas).

Não por acaso, essas definições do *controle social* são trazidas no artigo *Sobre o poder em Foucault e o controle em Skinner* no qual Celso Pereira de Sá põe em diálogo estes dois autores e defende a existência de alguns pontos de afinidades específicas entre suas teorias no que diz respeito ao *poder* e ao *controle social*. Dentro desse contexto, a definição própria das instâncias do *controle social* enfatiza que o controle interpessoal e o controle pelo grupo social (ou, em termos foucaultianos, a microfísica dos saberes e dos poderes) só funcionam até certa medida e, quando falham, são as agências de controle em suas vias institucionais que garantem a

manipulação de *variáveis específicas mais complexas*.

Nesse sentido, chama novamente atenção o pluralismo com que Sá opera autores de tradições epistemológicas distintas para a discussão de seus objetos de interesse. Sobre a afinidade específica entre M. Foucault e B. F. Skinner, Sá (1983) pontua que

seus respectivos produtos finais chegam a encontrar um denominador comum no emprego dos conceitos de poder e controle. Saberes e discursos, ou comportamentos verbais, não possuem, para eles, a autonomia que outros estudiosos costumam lhes conferir: são produtos do poder, encontram-se sob controle; e mais, *é “o social” que exerce tal poder e controle, assim como vem a ser por eles próprios produzido e controlado*. (p. 143, ênfases adicionadas)

Colocando em diálogo autores como Seminário, Foucault e Skinner, Sá nos dá um parâmetro de que sua leitura desses autores converge nas teses de que todo comportamento humano é atravessado pelo *social* bem como é por ele necessariamente controlado de maneira interpessoal, grupal e por agências controladoras. Estas últimas parecem ser entendidas como fontes que exercem controle sobre variáveis mais complexas quando as demais instâncias do controle social falham. Em resumo:

controle e poder são concebidos, respectivamente por Skinner e Foucault, como *onipresentes nas relações humanas*, manifestando-se em diversos níveis e de variadas formas; e, embora ambas essas concepções não estejam necessariamente associadas em princípio às temáticas macropolíticas ou macroeconômicas do controle e poder sociais hegemônicos, *mostram-se capazes de dar conta também desses domínios*, seja pela análise histórica da “governamentalidade” (Foucault) ou *pela análise funcional das “agências controladoras governamentais e econômicas”* (Skinner). (Sá, 1983, p.144, ênfases adicionadas)

Sendo a análise funcional das agências controladoras governamentais e econômicas capazes de dar conta de temáticas macropolíticas e macroeconômicas, convidamos outra definição do *controle social* arrolada posteriormente pelo autor e que parece novamente enfatizar a importância das agências de controle no exercício do *controle social*. Neste caso, o termo “refere-se às maneiras e graus em que as agências de controle no sistema social facilitam (e mesmo encorajam, às vezes) ou dificultam (impedem, desencorajam, etc.) a emergência final de um ou outro tipo de comportamento coletivo” (Sá, 1986b, p. 90). Levando em consideração a preocupação de Sá em aportar politicamente sua produção teórica dentro da Psicologia em prol da resistência ao regime ditatorial e ao processo da redemocratização brasileira, é possível conjecturar que seu interesse em esmiuçar o *controle social* do comportamento se justifique

pela eficiência que agências controladoras possuem para *encorajar* ou *impedir* o delineamento e manutenção de contingências sociais. O relato de Castro (2016, p. 2) sobre as aspirações de Sá nos auxilia nesta interpretação:

Na psicologia havia um discurso de que as diversas teorias tinham comprometimento ideológico a direita ou a esquerda. Se há sentido nisto, de que não há como o conhecimento produzido “escapar” das ideologias, o tempo [ditadura civil-militar] era de radicalidade. Ao behaviorismo foi atribuída a condição de direita pelas retóricas estudantis, com argumentação de sua prevalência nos Estados Unidos [da América], da ênfase no controle do comportamento e nas possibilidades de intervenção no *modus vivendis* das pessoas. Celso não se conformava com a atribuição de direita conferida ao behaviorismo radical e, inquieto, queria estudar, pesquisar e demonstrar que esta orientação teórica poderia ser produtiva para a democracia e também para os movimentos sociais de contestação política.

Nesse cenário, analisar como técnicas de controle social foram utilizadas “em proveito exclusivo do controlador em detrimento do controlado [seria proveitoso para o projeto de transformação social no qual possibilitasse a] convivência democrática” (Sá, 1986a, p. 44). O compromisso político do autor com a transformação da sociedade brasileira no que tange a emergência de um estado democrático de direito converge com um cenário teórico-político ampliado da história da Psicologia no país, em especial a uma certa tradição da Psicologia Social na análise de temas políticos. Nessa seara, destacam-se os nomes de Franco Lo Presti Seminério (1923-2003), Eliezer Schneider (1916-1998), Sylvia Leser de Mello (1935-2021) e Silvia Tatiana Maurer Lane (1933-2006) como expoentes pesquisadores e formadores deste legado teórico-político no campo da Psicologia Social (Feitosa & Costa, 2020). Tendo sido Celso Pereira de Sá orientando de Eliezer Schneider e se apropriado do trabalho de Seminério, parece-nos que seu modo de pensar a Psicologia bem como seu comprometimento político guarda relação com estes personagens os quais buscavam, segundo Feitosa e Costa (2020), “por leis gerais que regem o comportamento humano [e acreditavam que] a psicologia necessita atentar-se para os problemas decorrentes das relações de poder, para a relevância social da ciência, questionando o uso da ciência para fins opressivos” (p. 190)

Com diretrizes similares, Sá (1986a) define que seu projeto de transformação social consiste em “participar do esforço de construção de uma sociedade democrática [...], assim, *exercer contracontrole*, principalmente no sentido de *forçar sua institucionalização* nos mais variados domínios da vida social” (p. 47, ênfases adicionadas). Nesse sentido, o ato de subverter o regime político ditatorial em funcionamento naquele momento seria o próprio exercício do

contracontrole social, algo que ocorreria de maneira forçosa por meio das esferas institucionais. As ênfases por nós adicionadas buscam frisar nossa interpretação de que o contracontrole social indica o rompimento de uma dada ordem social e que esta ação de transgressão se dá no mesmo domínio no qual o controle social se estabelece com mais robustez; o das agências de controle.

Concebendo que *agências de controle* e *instituições* são tomadas por sinônimos para o autor, uma digressão simples ao significado atribuído ao último termo e suas respectivas derivações (*institucionalizar*, *instituir*, etc.) pode nos dar um parâmetro das intenções contracontroladoras de Sá. De acordo com um dicionário de português-brasileiro do período:

Ato ou efeito de instituir [...]; associação ou organização de caráter social, religioso, filantrópico, etc.; prática ou costume aceitos e disseminados num grupo, sociedade, etc.; conjunto das leis, das normas que regem uma sociedade política; o conjunto das estruturas sociais estabelecidas, especialmente as relacionadas com a coisa pública. (Ferreira, 1975, p. 771)

Apoiando-nos nesses significados, acreditamos que o sentido dado por Sá ao *contracontrole social* é de forçar ou instaurar a transformação social de modo que essa ação pode ser *instituída* nas instâncias de controle interpessoais e grupais até o ponto em que se alcance a instância *institucional* das agências de controle, isto é, associações ou organizações de caráter social.

Este itinerário que se inicia pelas relações interpessoais, passa pelas de grupo até as agências de controle é instrumentalizado pela manipulação de algo que perpassa a constituição do humano como um sujeito verbal e histórico. Dentro dessa perspectiva, Sá (1986a) afirma que “realmente, a única forma efetiva de intervenção contracontroladora que ora se vislumbra consiste em um *procedimento educacional potencialmente generalizável*” (p. 49, ênfases adicionadas). Isto é, as possibilidades de transformação social que atravessam *todas* as instâncias de controle social passam pela manipulação de comportamentos verbais ou pela concepção de que somos sujeitos verbais. Partindo dessa premissa, *um procedimento educacional* tal qual a *Cartilha de contracontrole social* é *potencialmente generalizável* porque é capaz de mobilizar pessoas nas suas relações interpessoais e grupais, bem como pode ser um disparador para que as mesmas se organizem institucionalmente para operarem mudanças sociais drásticas. Em resumo: “o comportamento verbal vem a constituir não só o foco principal da intervenção, como também o seu instrumento exclusivo” (Sá, 1986a, p. 51).

Após termos tomado a Figura 1 como um ponto de partida e intercruzado os indícios de co-ocorrência apurados pela ferramenta com o texto teórico do autor, vimos que a concepção de comportamento tecida por Sá indica seu entendimento de que o sujeito é necessariamente um ser histórico, social e verbal. Essa concepção de sujeito e de mundo nos permitiu explorar

quais as amarras teóricas que essa premissa enseja na constituição do controle social e do contracontrole social. Vimos que na análise específica desses dois termos, a segunda premissa que se destaca é que a dimensão mais eficiente do controle social se dá pelas agências (ou instituições e organizações) e que o contracontrole social indica uma transformação na sociedade, visando incidir justamente na dimensão das agências. Essa ação transgressora salientou o papel do comportamento verbal como veículo potencializador na mobilização para a transformação social.

Considerações finais

Nos itens precedentes deste artigo buscamos identificar e analisar redes conceituais e filosóficas contidas nos trabalhos de Celso Pereira de Sá vinculados à Análise do Comportamento entre 1970 e 1990. A partir da análise de nossas fontes, estabelecemos possibilidades de itinerários que nos auxiliaram a compreender a definição de *comportamento* adotada por Sá e as relações teórico-conceituais que este termo estabelece com o *social*. A partir dele vimos que a definição de comportamento tecida por Sá supõe uma noção de sujeito caracteristicamente histórico, social e verbal e que qualquer ação de transformação social deve levar em conta esses elementos. Dentro dessas premissas nos acercamos de sua visão de mundo, da forma que Sá enxergava a realidade e o sujeito brasileiro de seu tempo, além de enxergar também as bases teóricas em que se sustentavam seu compromisso político com a transformação social.

Nesta seara, inclusive, vemos que os compromissos teórico-políticos de Sá são similares àqueles postulados por Lane (1984) no que diz respeito a dar condições para que o sujeito seja um agente transformador da sociedade em que vive, muito embora o percurso realizado por Sá tenha incluído a adoção da Análise do Comportamento. A partir dos itinerários que percorremos, vemos que Sá introduz uma dimensão histórico-social para que a Análise do Comportamento fosse apta a realizar a transformação social necessária ao Brasil e a América Latina naquele momento. Por isso, acreditamos que a trajetória de Sá seja um caso contundente da ocorrência de processos de recepção e circulação de teorias psicológicas entre diferentes localidades (Danziger, 1984), uma vez que o autor concretizou seu compromisso político se apropriando da Análise do Comportamento estadunidense, articulando-a com autores e disciplinas das Ciências Humanas para promover uma Psicologia Social brasileira crítica.

Tendo isso em perspectiva, endossamos a tese de que a história da Psicologia brasileira precisa ser pensada de forma global, sem se deixar cair na armadilha de interpretar sistemas teóricos, personagens e os devidos objetos de uma ciência ou campo disciplinar como seus pertences exclusivos. Um de nossos resultados mais latentes é justamente a postura indisciplinar

do autor na apropriação de objetos e teses da Psicologia, Sociologia e História. Inclusive, ao termos percorrido o trabalho deste autor e analisado suas apropriações, vemos que esta característica não foi idiossincrática. Isto é, vimos Schneider, Seminário, e Lane também debatendo com tradições teóricas diversas àquelas em que são reconhecidos como representantes. Neste sentido, defendemos que talvez seja mais apropriado para o Brasil e a América Latina que a pesquisa da história de sua Psicologia esteja orientada às particularidades de territórios que foram colonizados também no sentido intelectual. Aos olhos de uma historiografia disciplinar, estas apropriações seriam aberrações peculiares, ao passo que de uma perspectiva global e crítica da História da Psicologia, seriam compatíveis com a realidade de regiões marcadas pelo transculturalismo.

Referências

- Alves, R.G.; Córdova, L. F. & Miranda, R. L. (2021). O contracontrole social como ferramenta de contestação política: de James G. Holland a Celso Pereira de Sá (1970-1990) In A. M. Jacó-Vilela; F. Degani-Carneiro & M. A. G. N. T. Vasconcellos (Orgs.) *Clio-Psyché: História da Psicologia e suas críticas*. CRV.
- Bock, A. M. B.; Ferreira, M. R.; Gonçalves M. G. M.; & Furtado, O. (2007). Sílvia Lane e o projeto do "Compromisso Social da Psicologia". *Psicologia & Sociedade*, 19(spe.2), 46-56. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000500018>
- Boechat, F. M. (2017). A psicologia brasileira nos ciclos democrático-nacional e democrático-popular. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(esp.), 57-70.
- Botomé, S. P. (2010). A quem nós, psicólogos, servimos de fato? In O. Yamamoto & A. L. F. Costa (Orgs.) *Escritos sobre a profissão de psicólogo no Brasil* (169-202). Ed. UFRGN. (Trabalho original publicado em 1979)
- Camargo, B.V., & Justo, A. M. (2013). Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ. <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>
- Castro, R.V. (2016). O que pode fazer a diferença entre intelectuais? (Dedicado a Celso Pereira de Sá). *Psicologia e Saber Social*, 5(1), 2-4. <https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2016.24847>
- Cruz, R. (2006). História e historiografia da ciência: Considerações para a pesquisa histórica em Análise do Comportamento. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 8 (2), 161-178.

- Danziger, K. (1984). Towards a conceptual framework for a critical history of psychology. *Revista de Historia de la Psicología*, 5(1-2), 99–107.
- Duran, A. P. (1983). Psicologia social: Entre a microscopia e a macroscopia do social. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 5, 53-61.
- Feitosa, A. L. O. & Costa, F. A. (2020). Reflexões sobre modos de análise de temas políticos em produções publicadas entre as décadas de 1950 e 1980 no campo da Psicologia Social brasileira In A. M. Jacó-Vilela & M. S. N. Messias (Orgs.). *Clio-Psyché – Resistências: Ciência e política na História da Psicologia*. CRV.
- Ferreira, A. B. H. (1975). *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Nova Fronteira.
- Gaspari, E. (2016). *Ditadura acabada*. Intrínseca.
- Hur, D. U. & Lacerda Júnior, F. (2017). Ditadura e Insurgência na América Latina: Psicologia da Libertação e Resistência Armada. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37 (esp.), 28-43.
- Jacó-Vilela, A. M. Degani-Carneiro, F., & Oliveira, D. M. (2016). A formação da Psicologia Social como campo científico no Brasil. *Psicologia & Sociedade*, 28(3), 526-536. <https://doi.org/10.1590/1807-03102016v28n3p526>
- Lane, S. T. M. (1984). A psicologia social e uma nova concepção do homem para a psicologia. Em Lane, S. T. M. e Codo, W. (Orgs.) *Psicologia Social: o homem em movimento* (pp. 10-19). Editora Brasiliense.
- Laurenti, C. & Lopes, C. E. (2016). Metodologia da pesquisa conceitual em Psicologia In Laurenti C.; Lopes, C. E. & Araujo, S. F. (Orgs.). *Pesquisa teórica em Psicologia: Aspectos filosóficos e metodológicos*. Hogrefe
- Luna, S. V. (1983). Compromisso social: “opção” do analista experimental do comportamento ou elemento constituinte da contingência? *Cadernos de Análise do Comportamento*, 1, 13-20. (Trabalho original publicado em 1981)
- Martín-Baró, I. (1984). El terrorismo del estado norteamericano. *Estudios Centroamericanos*, 39(433), 813-816.
- Massimi, M. (2010). Métodos de investigação em História da Psicologia. *Psicologia em Pesquisa*, 4(2), 100-108.
- Ratinaud, P. (2009). IRAMUTEQ: Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires [Computer software]. <http://www.iramuteq.org>
- Reis, D. A. (2014). *Ditadura e democracia no Brasil*. Zahar.
- Sá, C. P. (1981a). Diálogos sobre motivação I - Sobre o conceito psicológico genérico de motivação: seu estado atual. *Psicologia em curso*, 2(7), 12-16.
- Sá, C. P. (1981b). Diálogos sobre motivação II - Sobre o conceito psicológico genérico de

- motivação: sua evolução histórica. *Psicologia em curso*, 2(8), 12-16.
- Sá, C. P. (1981c). Diálogos sobre motivação III - Sobre o conceito psicológico genérico de motivação: seu possível desaparecimento. *Psicologia em curso*, 3(9), 10-14.
- Sá, C. P. (1982a). Sobre o comportamento verbal de Chomsky em sua resenha de O Comportamento Verbal, de Skinner. *Forum Educacional*, 6(1), 22-51.
- Sá, C. P. (1982b). O intelectual na Sociedade de Massas. *Forum Educacional*, 6(4), 65-85.
- Sá, C. P. (1983). Sobre o poder em Foucault e o controle em Skinner. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 39(2), 136-145.
- Sá, C. P. (1984a). Sobre a fundamentação psicológica da Psicologia Social e suas implicações para a educação. *Fórum Educacional* 8(1), 23-44.
- Sá, C. P. (1984b). O status acadêmico do Behaviorismo Radical de B.F. Skinner no estado do RJ. *Forum Educacional*, 8(4), 21-44.
- Sá, C. P. (1985). *O behaviorismo radical de B. F. Skinner e sua aplicabilidade socialmente relevante*. Tese de Doutorado. Fundação Getúlio Vargas.
- Sá, C. P. (1986a). Contracontrole social: Uma extensão do Behaviorismo Radical à educação política popular. *Fórum Educação*, 10(2), 43-73.
- Sá, C. P. (1986b). Notas sobre o estudo psicológico do comportamento social coletivo. *Temas de Educação*, 1(1), 77-92.
- Sá, C. P. (1987a). Comportamento verbal e literatura. *Matraga*, 1(1), 63-69.
- Sá, C. P. (1987b). *Roteiro da apresentação "Memória e comportamento"*. Coleção Celso Pereira de Sá. Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio-Psyché, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. UERJ.
- Sá, C. P. (1990). Contracontrole social na educação: representações sociais da escola pública em uma favela do RJ. *Forum Educacional*, 14(3), 93-108.
- Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Vozes.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais*. EDUERJ.
- Sá, C.P. (2007). Sobre a Psicologia Social no Brasil, entre memórias históricas e pessoais. *Psicologia & Sociedade*, 19(3), 7-13.
- Sandoval, S. (1982). Behaviorismo e as ciências sociais. *Cadernos de Análise do Comportamento*, 3, 24-29.
- Seminério, F. L. P. (1979). Psicologia, ciência, educação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 31(2), 5-16.
- Portugal, F. T., Facchinetti, C. & Castro, A. C. (2018). *História social da psicologia*. Nau.
- Torres, J. A., Cândido, G. V., & Miranda, R. L. (2020). Associação de Modificação do

Comportamento: contingências para a institucionalização da Análise do Comportamento no Brasil. *Perspectivas Em Análise Do Comportamento*, 11(1), 001-016.
<https://doi.org/10.18761/PAC.2020.v11.n1.01>

Trzan, A. & Degani-Carneiro, F. (2014). Transcrição de entrevista com Celso Pereira de Sá In A. M. Jacó-Vilela e F. T. Portugal (Eds.) *Clio-Psyché: Instituições, História, Psicologia*. Outras Letras.